

O Brasil com Sarney

5 ABR 1985

5 ABR 1985

Senador Roberto Campos (PDS-MT) — O Governo deve prosseguir no programa de austeridade já traçado, complementá-lo com um programa de desestatização. O problema mais urgente é o controle da inflação. Sem isso, não são atingíveis os demais objetivos, como a retomada do crescimento e a melhoria na distribuição de renda. Cabe ao Presidente Sarney julgar se os membros do atual ministério satisfazem a duas condições: confiança pessoal e sentido de disciplina para assegurar coordenação. Como disse o próprio Tancredo, o ministério não pode ficar dividido entre ministros compromissados com gastos e ministros compromissados com a economia de recursos.

Humberto Lucena, líder do PMDB no Senado — O Brasil de Sarney terá de significar o cumprimento rigoroso e definitivo de todos os compromissos de Tancredo Neves com as mudanças da Nova República. Ele tem o nosso natural apoio e um crédito de confiança da sociedade brasileira.

Manoel Castro, Prefeito de Salvador — O Presidente José Sarney deve ter um mandato de quatro anos, exatamente como estava previsto. Por compromisso e entendimento político, os brasileiros devem escolher por voto direto um novo Presidente em 1988. Não vejo conveniência alguma em alterar este cronograma. Também não vejo grande relevância política numa reforma do ministério, pois vários ministros foram escolhidos por critérios técnicos ou por compromissos políticos elaborados dentro de um esquema de sustentação de poder que permanece.

Paulo Brossard, jurista e ex-senador pelo PMDB gaúcho — O Presidente José Sarney é um homem bem dotado intelectualmente, tem raça, experiência política, parlamentar e administrativa. Seguramente está com os sentidos aguçados para essa situação que ele não desejou, mas foi posta em suas mãos. Os compromissos foram os mesmos; a eleição se processou simultaneamente; a chapa foi registrada em conjunto e a escolha se fez ao mesmo tempo. De modo que Sarney é uma personalidade que está, por compromissos públicos e nacionais, selados perante a nação. Obrigado e preso a eles.

Gilberto Freyre, sociólogo — Sou muito simpático à figura do Sarney. Creio que ele pode ter bom desempenho, à base do que tem sido ao longo de sua vida pública. Minha expectativa é que ele está bem orientado, é sensato e está à altura de sua imensa responsabilidade.

Cândido Mendes de Almeida, Presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais — UNESCO — Não estamos diante de um novo governo mas de uma proposta política que continua caucionada por uma expectativa popular cada vez mais mobilizada. E é o que pela exemplaridade da chefia interina do país que evidenciou o Presidente Sarney, agora executor de um legado preciso. E de uma agenda testamentária a confluir para a convocação fundamental da Assembléia Nacional Constituinte.

Augusto Rodrigues, pintor — Decisões quanto à justiça social e ao problema econômico são as primeiras medidas que devem ser adotadas pelo Presidente José Sarney. Por ser um ministério político, organizado com sabedoria pelo Presidente Tancredo Neves, no sentido de agrupar forças políticas, deve ser mantido, pelo menos no início do Governo Sarney, o qual acho que deverá governar o país durante quatro anos. As eleições diretas para Presidente da República devem ser realizadas em 1988.

Aurélio Buarque de Holanda, acadêmico — O Presidente Sarney é moço e inteligente. Saberá suceder Tancredo — é só esperar um pouco.

João Pinheiro Neto, ex-Ministro do Trabalho — A Nova República sem Tancredo é um mistério. Tudo pode acontecer. Tancredo não nos deixou nenhuma carta-testamento, nenhuma obra com seu pensamento político. Apenas esperança. É preciso que os políticos saibam sustentar ao menos essa esperança. Um povo sem esperança parte a serviço de qualquer aventura.

JORNAL DO BRASIL